

## Uma reserva para a volta dos animais à natureza

*Advogado, Jayme Roso\* reflorestou uma área de 850 mil m<sup>2</sup> na zona sul da cidade de São Paulo*



Jayme Vita Roso, de 87 anos (em pé, à esquerda), começou a reflorestar suas terras entre São Paulo e São Bernardo nos anos 1960. Desde 1995, o Sítio Curucutu é considerado Reserva Privada do Patrimônio Natural, certificado concedido a donos de terras protegidas. Ali, hoje, são soltos animais que são apreendidos.

Quando o advogado Jayme Vita Roso, de 87 anos, comprou as primeiras terras às margens da Rodovia dos Imigrantes era tudo mato. A região no limite das cidades de São Paulo e São Bernardo, no fim dos anos 60, estava sendo loteada. Era um brejo, uma área alagada, que não tinha nem luz elétrica. Ainda sem o menor conhecimento ambiental, Jayme se incomodou com o desmatamento e decidiu reflorestar.

Por trabalhar em empresas multinacionais, aproveitava a viagem a diferentes países para trazer na mala sementes das mais diversas. A maple tree, do Canadá, e um pinheiro do Japão, imensos, podem ser vistos próximos da sede do sítio até hoje. Mas eram outros tempos, ele ainda não sabia da importância de plantar somente espécies nativas – que também plantou aos milhares, diga-se.

No fim das contas, o sonho se realizou. Jayme foi comprando mais terras no entorno e criou uma floresta em uma área de 850 mil m<sup>2</sup>, o equivalente a 750 campos de futebol, que se tornou hábitat de centenas de espécies de aves, tatus, cobras, antas, gatos e cachorros do mato e até onça.

Desde 1995, o Sítio Curucutu é reconhecido como RPPN (Reserva Privada do Patrimônio Natural), um certificado do governo federal no qual os donos assumem a responsabilidade de manter a preservação da natureza, proteger os recursos hídricos, auxiliar no manejo e colaborar no desenvolvimento de pesquisas científicas, entre vários outros serviços ambientais.

A Secretaria do Verde e Meio Ambiente do Município de São Paulo tem, há três anos, o sítio como um dos pontos de soltura de animais apreendidos. O Estadão visitou as terras da família Roso em um desses dias. Por causa da pandemia, fazia mais de ano que Jayme não aparecia no local. Os 87 anos, no entanto, não o impediram de caminhar pelo terreno irregular e ajudar a libertar 27 aves, entre elas uma coruja-orelhuda, espécie típica da região cujo canto é a onomatopeia que batiza o sítio.

“Não tenho palavras para descrever o que representa tudo isso. É um sonho. Quando cheguei não tinha luz. Eu trouxe os tratores e financeiei do meu bolso toda estrutura para levar os fios e postes por toda a região. Consegui realizar 90% do que imaginava. Os 10% restantes agora são responsabilidade das minhas filhas”, celebra Jayme.

A ação transformadora para a região rendeu a Jayme, em 2004, o título de Cidadão Emérito da cidade de São Paulo, homenagem feita pela Câmara Municipal. Na região, ele ficou bastante conhecido, especialmente pelos moradores mais antigos, como os indígenas da aldeia vizinha ao seu sítio.

Sob nova direção. O sítio atualmente é administrado pelas filhas Ana e Vera. Elas são as responsáveis por plantar, agora, somente mudas de árvores nativas de Mata Atlântica e por repensar o sítio para se tornar viável financeiramente. Dentro de uma RPPN é permitido promover o ecoturismo, realizar o plantio sustentável, além de promover atividades educativas, desde que sejam autorizadas pelo órgão ambiental responsável. As duas ainda buscam a melhor forma de arrecadação – ainda hoje Jayme arca sozinho com todas as despesas.

A mais velha, Vera Roso, de 63 anos, largou a profissão de professora em 2011 para se dedicar ao sítio. “O herbário e a fauna de São Paulo vieram mapear a região em 2019. Acharam uma espécie de árvore que não era registrada desde 1940. Aqui viram como o projeto de preservação era levado a sério e começaram a utilizar o espaço para liberação de animais.”

Segundo Vera, já foram soltos em seu sítio corujas de tipos diferentes, tucanos, gambás e cobras. “Muitos são frutos do tráfico, chegam em situações horrorosas de sofrimento e se recuperam. Mas tem também entrega voluntária, fruto de apreensões”, acrescenta.

A mais nova, Ana, de 57 anos, deixou o trabalho como marchand há três. “Durmo aqui, me envolvo no dia a dia e me preocupo em relação à comunidade do entorno. Temos três funcionários que moram aqui, são registrados. Eles vivem em pontos estratégicos para evitar invasões e também fazem a manutenção do espaço”

A veterinária Alice Soares de Oliveira trabalha na divisão da fauna da Secretaria do Verde há 11 anos. É ela quem geralmente faz as solturas no sítio, juntamente com o biólogo Guilherme Garcia Festa. Os dois chegaram ao Sítio Curucutu em uma caminhonete cheia de caixas na caçamba, cobertas por lona.

Cada um dos 27 bichos que estavam lá dentro tinha uma ficha com todos os detalhes desde o resgate. A coruja que Jayme soltou, por exemplo, foi encontrada por um morador de Avaré, interior de São Paulo, em outubro do ano passado e entregue à secretaria há dois meses. A ave foi achada no asfalto, enrolada em linha de pipa, uma ocorrência comum. Estava em boas condições, foi mantida pelo morador à base de carne de patinho e água. Quando chegou ao pessoal da divisão de fauna, precisou apenas tratar de uma lesão no olho.

Mas também há casos graves, como pássaros pretos, que também foram soltos no sítio. Eles foram encontrados em um cativeiro clandestino próximo do Pico do Jaraguá. “Resgatamos 115 aves. O local estava abandonado, havia 50 aves mortas e um mau cheiro insuportável.”

O sítio tem cinco câmeras espalhadas pelo território para monitorar os animais. “Temos o orgulho de ter gambás, tatus, veado, anta e, outro dia, registramos uma espécie mais rara, que são as onças”, conta Vera. A expectativa de Jayme é que comecem a olhar com um pouco mais de cuidado para a região, bastante pobre. “É importante os governantes observarem com mais cuidado toda essa movimentação. Que todos doassem mais seu tempo para olhar para essa região, rica em fauna e flora, mas que está cada vez mais ameaçada.”

Apelo

“Queria que todos doassem mais seu tempo para olhar para essa região, rica em fauna e flora, mas que está cada vez mais ameaçada.” Jayme Roso – Dono do Sítio Curucutu –  
Fonte: O Estado de S. Paulo – 22.06.2021 – Foto Tiago Queiroz

**\*Jayme Vita Roso escreve mensal e regularmente para as edições de MercadoComum há 20 anos.**

